

**UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DA REGIÃO DOS VINHEDOS
ARQUITETURA E URBANISMO**

DÉBORA RIGON

PRAÇA SEMINÁRIO

BENTO GONÇALVES/RS

2020

DÉBORA RIGON

ESPAÇOS PÚBLICOS ABERTOS DE CONVIVÊNCIA

Relatório técnico apresentado como requisito parcial para obtenção de aprovação na disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso I, no curso de Arquitetura e Urbanismo na Universidade de Caxias do Sul, Campus CARVI, Bento Gonçalves.

Orientador: Prof. Arq. Me. Patrícia
Fernanda de Souza Cruz

Coordenador: Prof. Arq. Me. André Melati

BENTO GONÇALVES/RS

2020

DÉBORA RIGON

PRAÇA SEMINÁRIO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para aprovação na disciplina de TCC II, ao curso de graduação em Engenharia Mecânica no Campus Universitário de Bento Gonçalves da Universidade de Caxias do Sul.

Orientador: Prof. Me. Tiago Cassol Severo

Aprovado em ___/___/___

Banca examinadora

Prof. Me.

Orientador / Universidade de Caxias do Sul

Prof. Me.

Professor convidado / Universidade de Caxias do Sul

Prof. Me.

Professor convidado / Universidade de Caxias do Sul

“Arquitetura não pode forçar pessoas a se conectarem, tudo que ela pode fazer é planejar os pontos de cruzamentos, remover barreiras e tornar os locais de encontro úteis e atraentes”

Denise Scott Brown (1931)

AGRADECIMENTOS

A conclusão deste trabalho é mérito de todos aqueles que, de alguma forma, me ajudaram a chegar até aqui.

Em primeiro lugar, agradeço a Deus por ter me sustentado e me dado forças e saúde para concluir mais essa etapa da minha vida.

A minha mãe, Maria de Fátima, que com imenso amor sempre esteve ao meu lado me ensinando os valores e preceitos que regem meu dia a dia. Ela, que sempre esteve próximo me incentivando com palavras e gestos.

Aos meus irmãos, Fernando e Gabriel, que sempre estiveram **presentes ao meu lado**, me apoiando em todas as fases e momentos da minha vida.

Ao meu namorado, Leonardo, por todo apoio e compressão aos longos destes sete anos, pela sua dedicação em me auxiliar sempre quando precisei, com certeza, sua parceria e paciência me ajudaram muito nesta caminhada.

Por fim, quero prestar uma homenagem e dedicar este trabalho a pessoa mais importante da minha vida, com quem eu tive a honra de conviver por quatro anos: meu pai. Ele que mesmo longe fisicamente, sempre esteve ao meu lado guiado meus passos e me protegendo, tenho certeza que ele está junto a mim, comemorando essa vitória. Gostaria muito

Em todos os momentos em que a saudade

RESUMO

Palavras-chave: Espaços públicos, áreas verdes urbanas, convivência e lazer, praça, Veranópolis -RS

LISTA DE FIGURAS

| | |
|--|----|
| Figura 1 – Localização Brasil – Rio Grande do Sul – COREDE Serra | 24 |
| Figura 2 – Localização de Veranópolis/RS no COREDE Serra..... | 25 |
| Figura 3 – Construção do atual Seminário Seráfico São José, ano 1960 | 27 |
| Figura 4 – Seminário Seráfico São José, ano 1980 | 27 |
| Figura 5 – Seminário Seráfico São José, ano 2019 | 28 |
| Figura 6 – Localização no perímetro urbano | 29 |
| Figura 7 – Marcos da cidade | 30 |
| Figura 8 – Instituições de ensino..... | 31 |
| Figura 9 – Praças públicas e espaços de lazer | 32 |
| Figura 10 – Mapa de cheios e vazios | 33 |
| Figura 11 – Mapa de usos..... | 35 |
| Figura 12 – Mapa de alturas..... | 36 |
| Figura 13 – Mapa de estrutura viária..... | 37 |
| Figura 14 – Mapa microclima | 38 |
| Figura 15 – Mapa cortes topografia..... | 38 |
| Figura 16 – Mapa topografia | 39 |
| Figura 17 – Mapa caracterização do entorno | 39 |
| Figura 18 – Mapa de visuais | 40 |
| Figura 19 – Mapa de zoneamento..... | 41 |
| Figura 20 – Parque Sishane..... | 42 |
| Figura 21 – Parc De La Villette..... | 24 |
| Figura 22 – Parque Miller | 24 |
| Figura 23 – Pergunta e resposta 1 | 46 |
| Figura 24 – Pergunta e resposta 2 | 46 |
| Figura 25 – Pergunta e resposta 3..... | 24 |
| Figura 26 – Pergunta e resposta 4..... | 47 |
| Figura 27 – Pergunta e resposta 5..... | 48 |
| Figura 28 – Pergunta e resposta 6..... | 49 |
| Figura 29 – Pergunta e resposta 7 | 49 |
| Figura 30 – Pergunta e resposta 8..... | 49 |
| Figura 31 – Pergunta e resposta 9..... | 50 |
| Figura 32 –Times Square, 2009, antes da retirada dos automóveis | 51 |

| | |
|---|----|
| Figura 33 – Times Square, 2009, depois da retirada dos automóveis | 51 |
| Figura 34 – 12 critérios de Gehl | 53 |
| Figura 35 – Diagrama dos lugares, PPS | 54 |

LISTAS DE QUADROS

| | |
|--------------------------------------|----|
| Quadro 1 – Índices urbanísticos..... | 42 |
|--------------------------------------|----|

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| INTRODUÇÃO | 15 |
| 1 ASPECTOS RELATIVOS AO TEMA | 16 |
| 1.1 OBJETIVO GERAL | 16 |
| 1.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS | 16 |
| 1.3 JUSTIFICATIVA DO TEMA | 16 |
| 1.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS | 16 |
| 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA | 18 |
| 2.1 O PAPEL DOS ESPAÇOS PÚBLICOS NAS CIDADES CONTEMPORÂNEAS . | 18 |
| 2.2 CIDADES CAMINHÁVEIS..... | 20 |
| 2.3 PERCEPÇÃO URBANO – AMBIENTAL E APROPRIAÇÃO DOS ESPAÇOS PÚBLICOS | 22 |
| 3 ASPECTOS RELATIVOS A CIDADE DE VERANÓPOLIS/RS | 24 |
| 3.1 CONTEXTUALIZAÇÃO DO MUNICÍPIO..... | 24 |
| 3.2 ASPECTOS HISTÓRICOS DO MUNICÍPIO | 26 |
| 4 ÁREA DE INTERVENÇÃO | 27 |
| 4.1 HISTÓRICO | 27 |
| 4.2 DELIMITAÇÃO DA ÁREA | 30 |
| 4.3 PROBLEMÁTICA DA ÁREA..... | 31 |
| 4.4 JUSTIFICATIVA DA ESCOLHA DA ÁREA..... | 31 |
| 5 DIAGNÓSTICO DO CONTEXTO DE INSERÇÃO | 35 |
| 5.1 MORFOLOGIA URBANA | 35 |
| 5.1.1 CHEIOS E VAZIOS | 35 |
| 5.1.2 USOS | 36 |
| 5.1.3 ALTURAS | 36 |
| 5.1.4 ESTRUTURA VIÁRIA | 37 |
| 5.2 CONDICIONANTES FÍSICOS | 16 |
| 5.1.1 MICROCLIMA | 16 |
| 5.1.2 TOPOGRAFIA | 16 |
| 5.1.3 CARACTERIZAÇÃO DO ENTORNO | 16 |
| 5.1.4 VISUAIS | 16 |
| 5.3 CONDICIONANTES LEGAIS | 16 |
| 6 ESTUDOS DE CASO | 16 |

| | |
|--|-----------|
| 6.1 ESPAÇO PÚBLICO – PARQUE SISHANE | 16 |
| 6.2 ESPAÇO PÚBLICO – PARC DE LA VILLETTE | 16 |
| 6.3 ESPAÇO PÚBLICO – PARQUE MILLER | 16 |
| 7 METODOLOGIA | 16 |

INTRODUÇÃO

O presente relatório científico apresenta o desenvolvimento de um anteprojeto focado na qualificação de um vazão urbano central na cidade de Veranópolis – RS e sua integração ao tecido urbano existente.

A apresentação deste relatório é requisito necessário para a obtenção de aprovação na disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso I, do curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Caxias do Sul, Campus Universitário da Região dos Vinhedos – CARVI, em Bento Gonçalves, Rio Grande do Sul.

A vida nas cidades possui um grande diferencial: os espaços – espaços de convivência da população, lugares singulares, referências imagéticas de uma cidade onde acontecem encontros, atividades de lazer. Esses espaços apresentam-se descuidados em muitos casos, devido a relação problemática entre a população e o poder público. Ainda assim, mantêm-se como lugares chamados de respiros urbanos, como parques, ou lugares de manifestação democrática popular, propósito para o qual as ágoras gregas foram concebidas e, com o tempo, tornaram-se praças. São, do mesmo modo, onde a aceitação das diferenças são exercidas (SHAFTONE, 2008).

1 ASPECTOS RELATIVOS AO TEMA

1.1 OBJETIVO GERAL

Desenvolver, em nível de Anteprojeto, uma proposta de espaço público aberto de convivência e de lazer em um vazio urbano localizado na área central da cidade de Veranópolis/RS

1.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Elaborar um diagnóstico sobre os espaços e equipamentos públicos na cidade de Veranópolis/RS;
- Propor a qualificação de um vazio urbano central em Veranópolis/RS e sua integração ao tecido urbano existente, através da criação de um espaço público de lazer e de convivência que possa proporcionar a inclusão social e o direito de cidadania;
- Desenvolver a proposta de intervenção em nível de anteprojeto

1.3 JUSTIFICATIVA DO TEMA

Espaços públicos podem ser vistos como áreas livres: ruas, praças e parques ou acessíveis ao público, como instituições de ensino, hospitais, entre outras. Lynch (2006) considera espaços públicos todos os que formam a imagem da cidade: áreas abertas, onde ocorrem ações espontâneas dos indivíduos, beneficiados de acessibilidade pública, apropriados para atividades sociais ou de lazer. Espaços públicos de qualidade fazem com que a vida em meio a cidade seja mais agradável e contribuem diretamente com a melhoria da qualidade de vida.

O contato com a natureza em meio a cidade construída torna-se ambientes de respiro, refúgio, encontro entre as pessoas, tornando o espaço mais seguro. Os espaços vazios quando são ocupados produzem movimentação de pessoas, isso traz como consequência uma área mais atrativa e movimentada contribuindo para a segurança de modo geral. Proporcionar a cidade o acesso gratuito de atividades

integradas ao desenvolvimento pessoas e lazer, tem como objetivo fortalecer a identidade pessoal e social.

A cidade, mais do que um cenário para todos os movimentos e ações sociais cotidianas desde encontros aleatórios nas calçadas a longas conversas em um parque, é movida pelo uso cotidiano de todos os seus espaços públicos e estes são por excelência os lugares de expressão de cidadania.

Segundo recomendações do guia global da cidade amiga do idoso são três os principais pontos para promover o envelhecimento ativo: a) Espaços verdes, b) Lugares para observar e c) Sociedade para combater o envelhecimento.

Veranópolis leva o título de Terra da Longevidade e os espaços públicos abertos de lazer e convivência fazem parte da qualidade de vida e auxiliam para que a cidade continue com este título.

Demanda pela comunidade por espaços públicos de qualidade

Carência de espaços públicos abertos no município

Direito de exercer a cidadania

1.4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Com o intuito de propor a qualificação de um vazío urbano, alguns procedimentos metodológicos foram adotados.

A concepção da proposta iniciou-se com a **definição do tema** e sua **justificativa** no cenário atual da cidade. Com isso, a **definição do recorte espacial** fez-se essencial para compressão da proposta.

O processo investigativo, através da **fundamentação teórica** alimentou este estudo e com isso iniciou-se uma **análise do entorno da intervenção**, que possibilitou relatar os aspectos reais da área. Após levantamentos de dados e desenvolvimento do diagnóstico, buscou-se estudar **projetos referenciais** para auxiliar na elaboração do programa de necessidades, lançamentos preliminares sobre a área e partido geral.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 O PAPEL DOS ESPAÇOS PÚBLICOS NAS CIDADES CONTEMPORÂNEAS

O conceito de espaço verde urbano, surgiu no século XIII como um local público de passeio e convívio das classes privilegiadas, mas, segundo Mendes (1986), foi após a revolução industrial que se marcou a alteração mais significativa no conceito e nas funções atribuídas aos espaços verdes. Estas alterações devem-se em grande parte ao êxodo da população rural para as cidades que, provocou uma crescente densificação dos aglomerados urbanos e que aliada a evolução dos transportes não respeitou, na grande maioria dos casos, o espaço rural, havendo a necessidade de se recriar a presença da natureza no meio urbano.

Praça, do grego plateia; do latim, platea. Lugar público cercado por edifícios, ruas e outros espaços edificados ou abertos. Área pública sem construções, dentro de uma cidade. As praças são, por excelência, o espaço público mais dotado de significado na cidade; seja pela centralidade de sua localização, pela importância no cenário político em aglomerar pessoas, como também na sua, quase sempre, proximidade com edificações e elementos de referência para a população (MENDONÇA, 2007).

Segundo Mendonça (2007) praças são espaços livres públicos, com função de convívio social, inseridos na malha urbana como elementos organizadores da circulação e de amenização pública, com área equivalente à da quadra, geralmente contendo expressiva cobertura vegetal, mobiliário lúdico, canteiros e bancos.

Neste âmbito surge o conceito de espaço público, enquanto território de uso comum e pertença coletiva, assumindo um papel fundamental na estrutura e vivência urbana e desempenhando importantes funções formais, econômicas, sociais, culturais e ambientais. A sua potencialidade possibilita a conexão do território, promovendo a coesão territorial nas suas diversas vertentes.

Os espaços públicos abertos de lazer trazem inúmeros benefícios para a melhoria da habitabilidade do ambiente urbano, entre eles a possibilidade do acontecimento de práticas sociais, momentos de lazer, encontros ao ar livre e manifestações de vida urbana e comunitária, que favorecem o desenvolvimento

humano e o relacionamento entre as pessoas. Além disso, a vegetação que geralmente está presente nesses espaços favorece psicologicamente o bem-estar (OLIVEIRA E MASCÁRIO, 2007)

Torna-se assim fundamental pensar os espaços públicos como a possível solução para várias problemáticas. Evidencia-se a necessidade de adaptação do espaço público a realidade de cada lugar, num contexto local, mas também a escalas mais alargadas no sentido de promover um território coeso e incluso (GONÇALVES, 2010)

A maneira como as cidades são construídas pode ser um incentivo ou uma barreira a atividade física e social e, conseqüentemente, a uma vida mais ativa e saudável (VASCONCELLOS, 2006)

É nesse sentido que embora todas as cidades apresentem áreas verdes (públicas) onde a população possa desfrutar de momentos de lazer e contato com a natureza, poucas tem esses espaços de forma organizada, de modo que não passam de espaços dispersos pela malha urbana

Outro fator que contribui para aumentar a penúria renitente das áreas verdes urbanas são as descontinuidades políticas. Sabe-se que um plano de áreas verdes, implantação de uma praça, arborização de um bairro, são ações que precisam ser pensadas e executadas a longo prazo. Todo esse processo é prejudicado com a alternância de grupos políticos na administração, pelo fato de que as políticas, os planos e metas traçados não vão além do período de gestão, isso ainda, quando chegam a ser efetivados (LOBODA e DE ANGELIS, 2005).

Um dos espaços importantes na cidade são as áreas verdes públicas e privadas, que minimizam diversos impactos causados pelas atividades humanas devido ao crescimento populacional e intensa urbanização (PINA e SANTOS, 2012).

As áreas verdes urbanas, como espaços livres de construção e preservação da biodiversidade, fazendo surgir a temática da sustentabilidade urbana, esta capaz de influenciar a qualidade ambiental e, conseqüentemente, a qualidade de vida das pessoas. Assim, o planejamento e a gestão ambiental dessas áreas urbanas devem levar em consideração a necessidade de incluir a figura do cidadão nesses espaços como fator primordial para a difusão de uma sensibilidade ambiental (PINA e SANTOS, 2012).

2.1 CIDADES CAMINHÁVEIS

Caminhar é considerado a forma mais democrática de se locomover e de se apropriar do espaço urbano que é direito de cada habitante. Assim, defende-se que as cidades devem ser espaços acessíveis e com segurança a fim de que estas sejam redemocratizadas de acordo com a vontade populacional e ofereçam condições de conforto necessárias para oferecer uma maior qualidade de vida (OBSERVATÓRIO, 2017).

O ato de caminhar é a ação que promove um rol de valores e características espaciais de paisagem e desenho urbano, mas que ainda enfrenta dificuldades em ser entendido como modelo de vitalidade urbana e de promoção de justiça social. Além disso, tal reorganização também teria impacto na qualidade das práticas cidadãos e políticas da sociedade brasileira. (CIDADE DE PEDESTRE)

As estratégias de promoção da caminhabilidade, associadas as medidas moderadoras de tráfego, revelam-se oportunas e podem garantir a boa qualidade do espaço público através do aumento da conectividade entre as áreas, melhoria da facilidade no acesso aos bens e serviços e também da convivência nas cidades. Portanto, promover a caminhabilidade é uma medida-chave para levar as pessoas a ocupar o espaço público, reduzir os impactos ambientais de efeito barreira, vitalizar a economia local e a interação social (UH- HABITAT, 2015) CIDADE DE

As cidades se tornaram fragmentadas e dependentes dos automóveis. Gestores públicos deixaram de pensar no pedestre: toda a infraestrutura foi planejada de forma a dar maior fluidez ao trânsito de veículos motorizados. Com isso, a cidade já não faz mais nenhum sentido para o pedestre, a caminhada é menos frequente, as distâncias ficaram mais longas e com isso a cidade ficou insegura, uma vez que a prática do andar é incômoda e inacessível e os cidadãos, de maneira geral, perderam parte de sua qualidade de vida (LINCOLN, 2017).

A primeira constatação da falta de prioridade foi a decisão de atribuir ao proprietário do lote a responsabilidade de construir e cuidar das calçadas. Esta decisão revela que o ato de caminhar não é considerado tema público, mas sim privado. Em consequência disso, toda engenharia viária foi desenvolvida com atenção exclusiva a pista de rolamento dos veículos (GEHL, 2013)

Os estudos e práticas de Jane Jacobs, Jan Gehl, Kevin Lynch e Gordon Cullen influenciaram outras pesquisas e ações, e percebe-se, a partir do final da década de 80, o surgimento de novos movimentos que tem em comum a ‘busca da sustentabilidade por meio de um planejamento que responda de forma integral a realidade política, social, econômica e ecologia das cidades’. Essas correntes de pensamentos são conhecidas por Novo urbanismo, *New Traditional Neighborhood Design*, *Smart Growth*, *Transit Oriented Development* e *Livable Communities*. Esses movimentos são direcionados as cidades sustentáveis, e fomentam desenhos urbanos que promovam a caminhabilidade e, conseqüentemente, vitalidade urbana. Uma preocupação crescente com a dimensão humana no planejamento urbano reflete uma exigência por melhor qualidade de vida na cidade.

Para Gehl (2015), cidades caminháveis são essenciais para o aproveitamento da vida urbana e também para o bem-estar no cotidiano. O autor defende que cidades caminháveis e destinadas para pessoas são cidades sustentáveis e possuem uma população saudável, onde se mesclam calçadas, parques de bairros e parques lineares de caminhadas e cidadãos, compondo dessa maneira o urbanismo e promovendo a animação das cidades e espaços que pulsem a vida urbana.

Para a promoção de cidades caminháveis, Blanco (2016) estabelece os seguintes fatores:

- a) Qualidade do passeio público, visto que calçadas caminháveis devem apresentar piso adequado e dimensões mais largas.
- b) Atratividade e infraestrutura urbana, uma vez que um espaço urbano que possui uma imagem urbana agradável convida mais a população a caminhar e a vivenciar
- c) A acessibilidade, pois calçadas com piso tátil, rampas e acessível permitem o uso do espaço por pedestre de mobilidade reduzida, como idosos, deficientes físicos, gestantes e crianças, sendo um espaço para todos
- d) Atratividade e infraestrutura urbana, uma vez que um espaço urbano que possui uma imagem urbana agradável convida mais a população a caminhar e a vivenciar

- e) Escala urbana, pois cidades planejadas para a escala humana são mais convidativas para a caminhabilidade urbana, uma vez que pensa nas distancias entre determinados usos, no gabarito de edifícios nas alturas dos olhos, entre outros elementos.
- f) Segurança, uma vez que este fator garante a tranquilidade para os cidadãos se deslocarem a pé e aproveitarem e se apropriarem do espaço urbano.
- g) Fatores externos que, por sua vez, se dão por diversos outros elementos que influenciam no ato de caminhar pelas cidades como, por exemplo, o relevo urbano e a arborização, visto que esta através da sua implantação de diferentes configurações espaciais – nas vias, praças ou parques urbanos - proporcionam espaços urbanos mais agradáveis e convidativo

Quando se trata da promoção de um espaço público democrático, é de vital importância que a consolidação da caminhabilidade considere as necessidades do público alvo. Assim, os indicadores têm como papel principal auxiliar nas tomadas de decisões de políticas públicas que visam a criação de um cenário mais justo (BLANCO, 2016).

2.3 PERCEPÇÃO URBANA – AMBIENTAL E APROPRIAÇÃO DOS ESPAÇOS PÚBLICOS

A percepção do meio ambiente se preocupa com os processos, mediante os quais as pessoas atribuem significado ao seu meio ambiente. Já a percepção do espaço urbano é resultante da assimilação e organização de um esquema perceptivo da paisagem urbana. (1337)

De acordo com Milton Santos, tudo aquilo que nós vemos, o que nossa visão alcança, é paisagem. Esta pode ser definida como o domínio do visível, aquilo que a vista abarca. Não é formada apenas de volumes, mas também de cores, movimentos, adores, etc (SANTOS, 1988)

Percepção é uma dimensão de análise que permite identificar as diferenciações espaciais segundo as diferentes visões do mundo, anseios e

expectativas, sendo captada por meio de vivência, perspectiva de vida e oportunidade dos moradores de determinada cidade (FERRARA, 1999).

Várias são as teorias de percepção do espaço urbano e suas aplicações. Segundo Ferrara (1999), o conceito de percepção urbana estaria associado a capacidade de absorver e produzir informações sobre a cidade, contendo os usos e hábitos da população. O acúmulo dessas informações seria capaz de criar uma imagem da cidade para seus cidadãos.

A habilidade do indivíduo em orientar-se depende de um sistema de informações presentes no próprio ambiente. Este sistema é formado por diferentes categorias de elementos espaciais (LYNCH, 1960).

Conforme Lynch (1960), a clareza ou legibilidade é uma qualidade visual extremamente necessária nas cidades. A necessidade de reconhecer e padronizar nosso ambiente é crucial e tem raízes profundas relacionadas com o passado, fazendo com que essa imagem seja de enorme importância prática e emocional para o indivíduo.

A imagem da cidade para Kevin Lynch (1960) é fruto das relações entre homem e o meio em que vive, selecionando, organizando e atribuindo sentido ao que o cerca. Contudo, os cidadãos, de uma cidade mantêm contato direto com algumas porções dela, fazendo com que cada indivíduo possua uma imagem única e própria, indo além dos elementos físicos perceptíveis, sendo composta por variáveis de significado social de uma área, a sua função, a sua história ou, até, seu nome (LYNCH, 1960)

Kevin Lynch ainda conclui que: *nossa percepção da cidade não é integra, mas sim bastante parcial, fragmentaria, envolvida noutras referências* (LYNCH, 1960). Logo, uma cidade pode evocar diferentes tipos de imagem. No entanto, quando um componente dessa realidade é percebido em diversas imagens construídas pelos habitantes, adquire o que o autor define como “imagens públicas”, resultado de uma cultura comum.

A percepção da qualidade do espaço público surge como consequência das imagens que se tem do local (onde se fundem aspectos de ordem formal e funcional) e de como e por quem essas imagens são apreendidas. A interação entre a forma urbana e o comportamento humano pode ser concordante ou conflituosa

com as exigências humanas da vida urbana, mas não pode ser delas separadas. (espaço publico)

A cidade pode ser entendida como um conjunto de imagens que se inter-relacionam. Geralmente percebemos nossa cidade não como um todo, mas de uma maneira fragmentada, ou seja, percebemos partes dela, como os percursos de nosso cotidiano. (1337)

Um ponto pouco abordado é a questão da influência dos espaços de transição entre os edifícios consolidados e o espaço público, na vida urbana. Autores como Jan Gehl, Jane Jacobs e Jeff Speck observam o efeito desses espaços de transição na urbanidade. Gehl (2010) observa: “Nenhum tema tem mais impacto na vida, e na atração exercida pelo espaço público do que esses espaços de transição, ativos, abertos e vivos”, discorrendo sobre e apresentando métodos de estudos em sua obra Cidade para Pessoas. (70BC

Por fim, a percepção ambiental é um processo de construção mental de interação do indivíduo, sociedade e ambiente, que se dá através de mecanismos perceptíveis e principalmente cognitivos. Conclui-se então, que a percepção do ambiente é baseada na realidade de cada indivíduo, cada cultura, entre outros. Então, reconhecer as diferentes percepções pode ajudar a entender por que diferentes indivíduos interagem com espaços verdes públicos (DELL RIO, 1999)

3 ASPECTOS RELATIVOS A CIDADE DE VERANÓPOLIS/RS

3.1 CONTEXTUALIZAÇÃO DO MUNICÍPIO

A cidade de Veranópolis está localizada a 170 quilômetros da capital do estado do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. De clima subtropical, a 705 metros de altitude, Veranópolis é um paraíso na Serra Gaúcha. Com uma área de 290 km², é o município com o 9º melhor índice de Desenvolvimento Socioeconômico no estado, segundo a Fundação de Economia (FEE) do Rio Grande do Sul.

Figura 1: Localização Brasil - Rio Grande do Sul – COREDE Serra



Fonte: a autora (2020)

Pioneira no cultivo da maçã no Brasil, hoje Veranópolis é conhecida como berço internacional da maçã, e a femaçã – Feira Nacional da Maçã e Agroindústria de Veranópolis – tornou-se uma festa tradicional no calendário da região.

O município possui uma população de 26.904 mil habitantes, sendo 23.350 mil na área urbana do município e 3.554 mil na área rural, conforme estimativa do IBGE (2019). O município foi considerado pela Organização Mundial da Saúde (OMS) como a primeira cidade em termos de longevidade no Brasil e a terceira em nível mundial.

O município está situado no Nordeste do estado do Rio Grande do Sul, e atualmente o município limita-se com os municípios de Vila Flores (ao norte), Bento Gonçalves (ao sul), Antônio Prado e Nova Roma do Sul (ao leste), e Cotiporã e Fagundes Varela (a oeste).

Figura 2: Localização da Cidade de Veranópolis/RS no COREDE Serra



Fonte: Atlas Socioeconômico do Rio Grande do Sul (2017)

Veranópolis é parte integrante da Associação dos Municípios da Encosta Superior do Nordeste do Rio Grande do Sul (AMESNE), criada em 1966, bem como do conselho Regional de Desenvolvimento da Serra Gaúcha (COREDE Serra), criado em 1991.

3.2 ASPECTOS HISTÓRICOS DO MUNICÍPIO

Durante o processo de imigração, criam-se em 1875 as Colônias Dona Isabel, atual Bento Gonçalves, Fundos de Nova Palmeira, atual Caxias do Sul, e Conde d'Eu, atual Garibaldi. Segundo Silva (2014), devido a "crescente imigração para o Estado, foi necessária a criação de uma nova colônia para abrigar os colonos".

Veranópolis teve sua colonização iniciada em 1884, quando os primeiros imigrantes italianos aqui chegaram. Antes, já a partir de 1830, todo o território desta

região pertencia ao município de Santo Antônio da Patrulha e as freguesias mais próximas da atual cidade de Veranópolis eram Lagoa Vermelha e Vacaria.

Com o tempo, os fazendeiros de Lagoa Vermelha foram abrindo picadas e penetrando na região da futura colônia Alfredo Chaves. Tomavam posse das terras das matas do Rio das Antas para o cultivo de milho e extração de erva-mate. No local mais aprazível daquela gleba de terra, havia um ponto de encontro de tropeiros que, periodicamente, se aventuravam a passar por ali, com destino a Montenegro.

Este lugar preferido para repouso e encontro neste longo caminho, com uma elevação rochosa e ótima vertente de água recebeu o nome de Roça Reúna.

No local conhecido como Roça Reúna, foi instalada em 1884 a colônia Alfredo Chaves, pertencente ao município de Lagoa Vermelha.

Foi após esta decisão que começaram a chegar os primeiros imigrantes italianos. Pouco depois, os primeiros poloneses chegaram ao município. Em 1898, passou a categoria de Vila. Por existir outro município com o nome Alfredo Chaves, no Espírito Santos, foi oficializado o nome Veranópolis, que significa: Cidade Veraneio.

Os aspectos físicos da antiga Alfredo Chaves foram determinantes na forma de ocupação do território. Banhado a sul, leste e oeste por rios sinuosos, apresentando um relevo montanhoso nas bordas destes rios e topografia plana na área central, o que acabou condicionando a ocupação no centro do território.

4 ÁREA DE INTERVENÇÃO

4.1 HISTÓRICO

Os capuchinhos iniciaram suas atividades em Alfredo Chaves como auxiliares do Padre Matheus Pasquali. Atraídos pela simpatia do povo e posição admirável da pequena Vila, solicitaram a sua permanência no local.

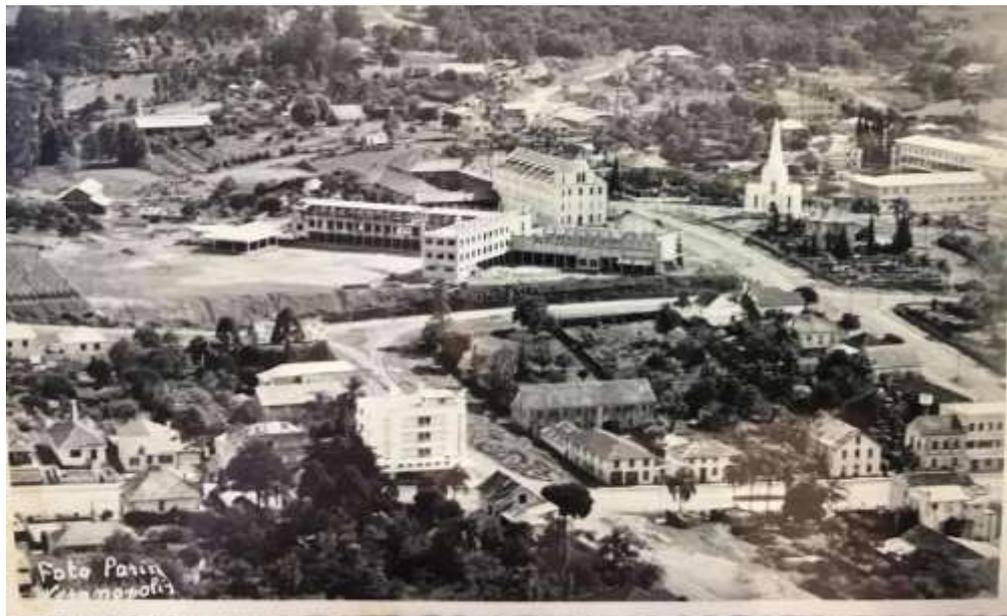
Inicialmente instalaram-se em um casarão de madeira, alugado. Em 31 de julho de 1901, com a permissão da instalação canônica em Alfredo Chaves, foi construída uma modesta casa para abrigar até 40 internos. Em 24 de abril de 1902,

após licença do Bispo Diocesano, chegaram os primeiros vinte seminaristas da Escola Seráfica de Garibaldi.

O Convento e a Escola seráfica foram inaugurados em 01 de janeiro de 1904. Em 1917, com o aumento do número de jovens vocacionados, foi anexada a antiga, uma nova casa e uma capela gótica. O Colégio Seráfico foi crescendo e houve nova necessidade de ampliação. Em 1929, com a construção de um amplo prédio com três pisos e área coberta para 150 seminaristas passou a denominar-se Seminário Seráfico e em 1946 já abrigava 205 meninos.

Em 20 de março de 1960 iniciou-se a construção do atual Seminário Seráfico São José. Conjunto de nove blocos e três pisos interligados e uma ampla capela, espaço de mais de 5.000m² de construção a fim de comportar mais de 500 seminaristas.

Figura 3: Construção do atual Seminário Seráfico São José, ano 1960



Fonte: Acervo Elígio Parise

Figura 4: Seminário Seráfico São José, ano 1980



Fonte: Acervo Elégio Parise

Como relata o historiador Geraldo Farina em seu livro *Histórias de Veranópolis* o Seminário São José proporcionou estudo, reflexão e formação capuchinha a mais de 320 frades que atuam em todo Brasil.

Atualmente o Seminário Seráfico São José cede espaço para várias instituições como o Centro de Pesquisa e Convivência da Longevidade e Associação São Camilo, AVAEC – Unidades Educacionais, Secretaria Municipal de Educação e Cultura, Secretaria Municipal de Esportes, Radio Veranense, ITERRA, além de continuar sendo a moradia dos frades capuchinhos.

Figura 5: Seminário Seráfico São José, ano 2019



Fonte: Acervo Elígio Parise

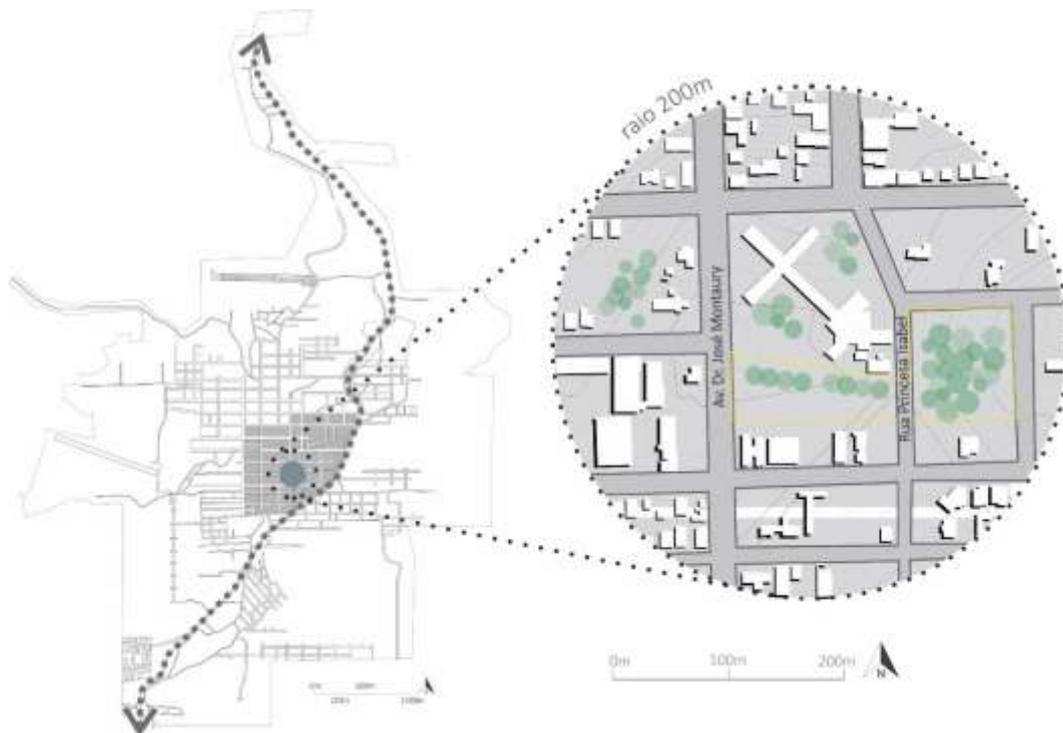
4.2 DELIMITAÇÃO DA ÁREA

Um dos aspectos mais importantes que envolvem um projeto é a escolha da área de intervenção, uma vez que sua localização e características físicas devem ser compatíveis ao tema abordado.

O terreno escolhido situasse no entorno do Seminário Seráfico São José e atualmente a área não recebe nenhum tipo de tratamento, porém, revelasse como um espaço de muito potencial e conexão urbana entre a malha urbana que já está consolidada.

A área possui aproximadamente 16 700m² e está localizada entre a Av. Dr. José Montauray e a Rua Princesa Isabel. Sua localização é estratégica e trata-se de uma área urbana que possui grande fluxo de pedestres e automóveis.

Figura 6: Localização perímetro urbano



Fonte: Elaborado pela autora (2020)

4.3 PROBLEMÁTICA DA ÁREA

É importante considerar que a área de intervenção se trata de um espaço urbano subutilizado não cumprindo sua função social, desta forma, gera insegurança pública, consequência da falta de infraestrutura urbana.

Atualmente no entorno do terreno o principal meio de transporte é o automóvel, desta forma, a mobilidade urbana priorizando o pedestre e as formas sustentáveis de locomoção, são deixadas de lado. Além disso, o espaço se apresenta como grande vazio urbano verde ocioso e sem legibilidade.

A falta de cuidado com a área traz como consequência inúmeros problemas de cunho social, prejudicando a cidade em relação a oferta de espaços públicos de qualidade para a população.

4.4 JUSTIFICATIVA DA ESCOLHA DA ÁREA

A proposta tem como objetivo alcançar a toda população, portanto, é fundamental que sua abrangência compreenda a cidade de Veranópolis como um todo. Sendo assim, foram tomados como base os seguintes critérios para a escolha do local: a) centralidade, b) proximidade com as instituições de ensino e c) proximidade com os espaços públicos (praças e parques) com o objetivo de promover uma costura de espaços públicos.

Figura 7: Marcos da cidade

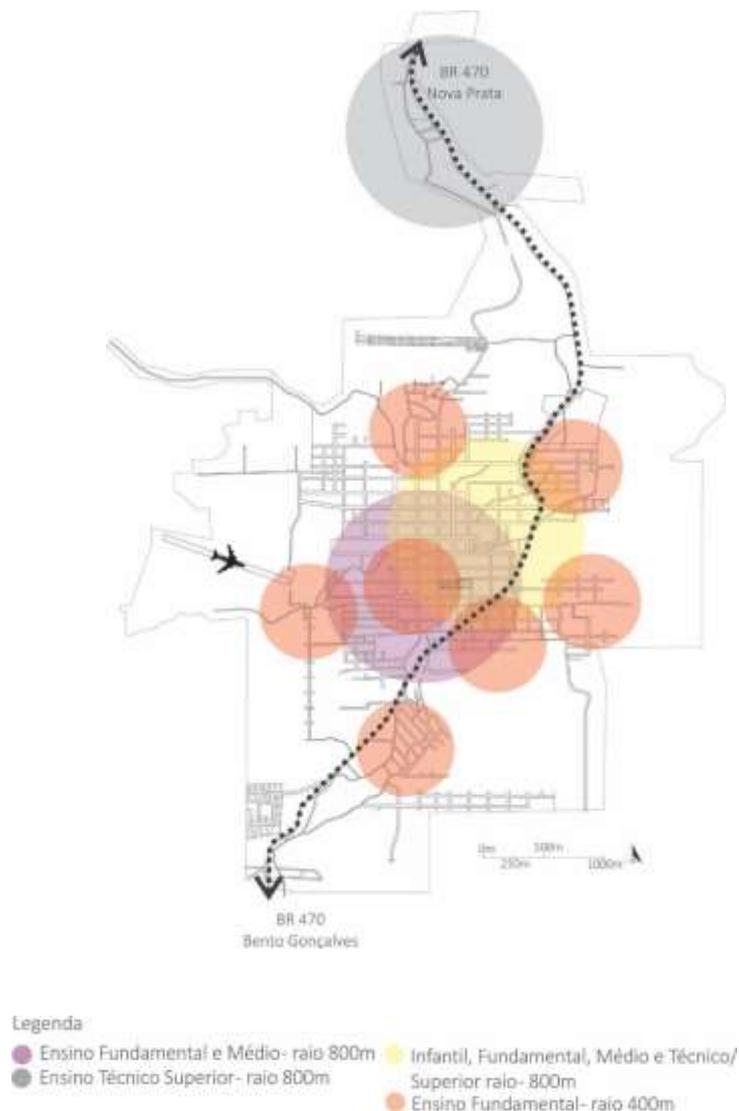


Fonte: Elaborado pela autora (2020)

Conforme o autor Pedro Guimarães as escolas de primeiro grau devem estar em um raio de 800 metros e as escolas de segundo grau no raio de 1600 metros.

Para o desenvolvimento deste diagnóstico os raios foram considerados pela metade, levando em consideração a escala da cidade em estudo.

Figura 8: Instituições de ensino

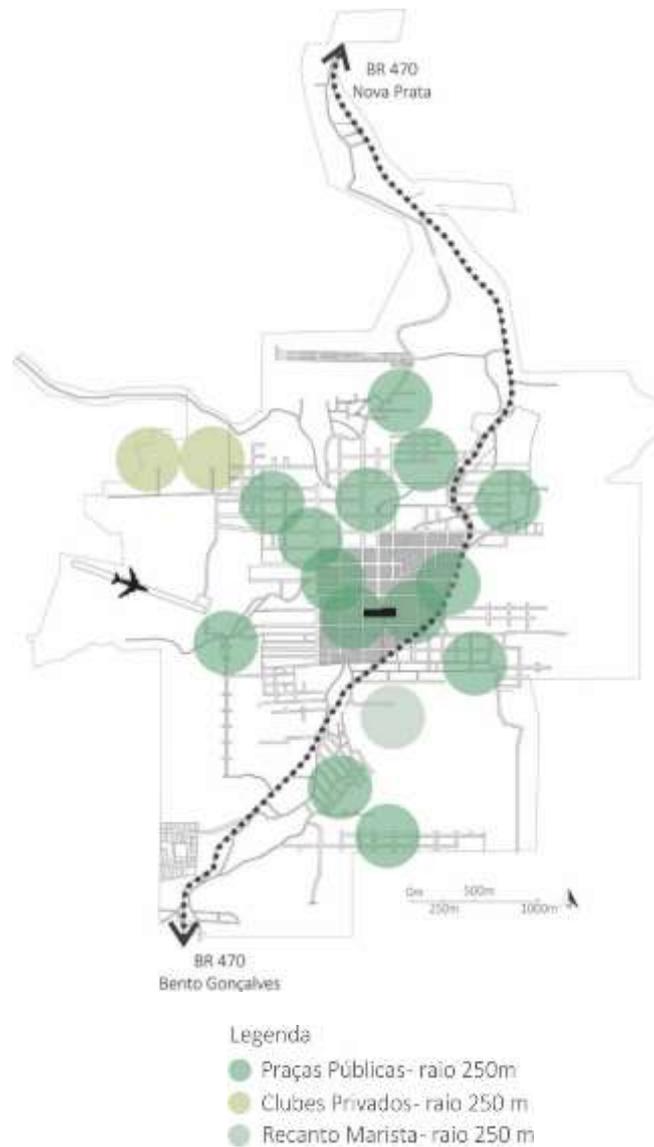


Fonte: Elaborado pela autora (2020)

Em relação as áreas verdes, Christopher Alexander considera ideal que elas estejam em um raio de 800m, já Pedro Guimarães considera ideal o raio de 500m.

Para o desenvolvimento deste diagnóstico os raios foram considerados pela metade, levando em consideração a escala da cidade em estudo.

Figura 9: Praças públicas e espaços de lazer



Fonte: Elaborado pela autora (2020)

Além dos critérios apresentados a cima, outros aspectos justificam a escolha da área de intervenção, sendo eles: a) Localização estratégica, b) Grande fluxo de pessoas, c) Topografia favorável para conexões, d) Vegetação nativa, e) Valor histórico e cultural e f) Contexto urbano favorável.

5 DIAGNÓSTICO DO CONTEXTO DE INSERÇÃO

Uma vez estabelecido o local de implantação do equipamento, torna-se essencial o estudo dos condicionantes morfológicos, físicos e legais da área de intervenção e seu entorno.

O diagnóstico permite reconhecer potencialidades e deficiências, bem como estabelecer relações importantes a serem consideradas no desenvolvimento das intenções projetuais.

5.1 MORFOLOGIA URBANA

5.1.1 CHEIOS E VAZIOS

Por meio do mapa de cheios e vazios percebe-se que a predominância de cheio em relação aos vazios. Em quase todas as quadras encontram-se vazios urbanos que é consequência da falta de planejamento e de grandes terrenos. Na figura 5 notamos como a área de intervenção se destaca como um vazio urbano importante para o entorno já edificado.

Figura 10: Mapa de cheios e vazios



Fonte: Elaborado pela autora (2020)

5.1.2 USOS

Na figura 6, percebemos uma similaridade em relação a classificação dos usos no recorte delimitado para estudo. Na posição leste, oeste e sul percebemos que a zona residencial está distribuída com maior concentração, juntamente com algumas edificações de serviço. Na parte norte do recorte, a predominância de edificações de uso misto e serviços em maior quantidade. No entorno imediato do terreno a construções de carácter institucional e religioso.

Figura 11: Mapa de usos



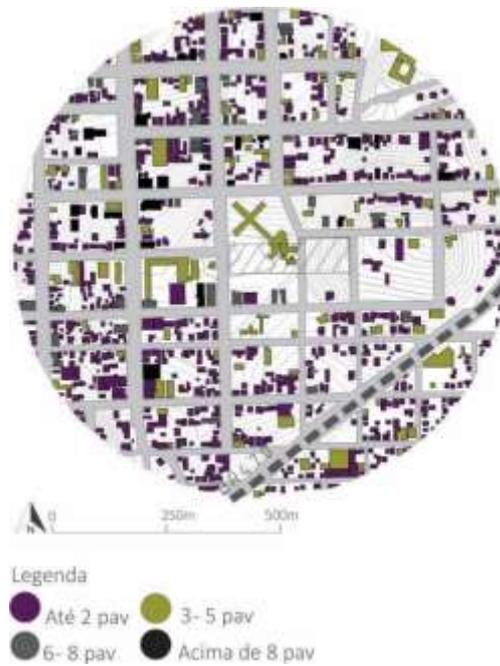
Fonte: Elaborado pela autora (2020)

5.1.3 ALTURAS

Através das análises de tipologias encontradas no entorno destacam-se a predominância de edificações de um ou dois pavimentos, na maioria delas

residência. Nota-se algumas implantações de edificações com maiores alturas, porém, dispersas.

Figura 12: Mapa de alturas



Fonte: Elaborado pela autora (2020)

5.1.4 ESTRUTURA VIÁRIA

A classificação da hierarquia viária foi realizada com base no Plano Diretor Municipal. Em relação aos traçados urbanos, podemos classificá-lo como regular. A área de estudo situa-se no entorno de vias arteriais e coletoras, estas que são importantes vias de fluxo para a cidade.

Figura 13: Mapa estrutura viária



Fonte: Elaborado pela autora (2020)

5.2 CONDICIONANTES FÍSICOS

5.2.1 MICROCLIMA

Na área de intervenção e no seu entorno, identificamos uma expressiva massa vegetal contendo espécies ameaçadas de extinção, como a araucária. A acústica é afetada basicamente pela proximidade do terreno com vias importantes da cidade. O terreno está situado em um dos pontos mais altos da área central da cidade e privilegiadas visuais são oferecidas.

Figura 14: Mapa microclima

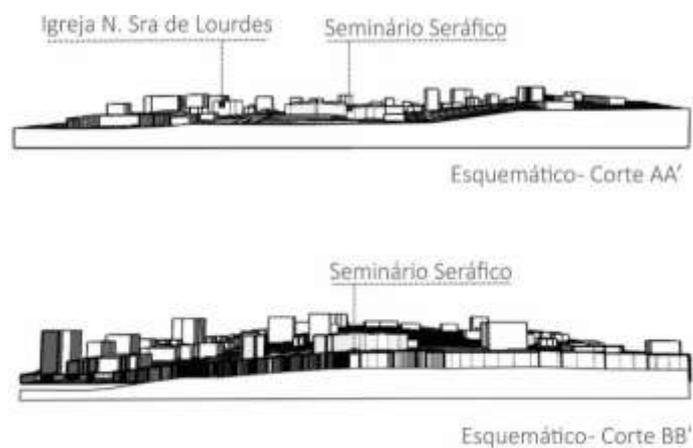


Fonte: Elaborado pela autora (2020)

5.2.2 TOPOGRAFIA

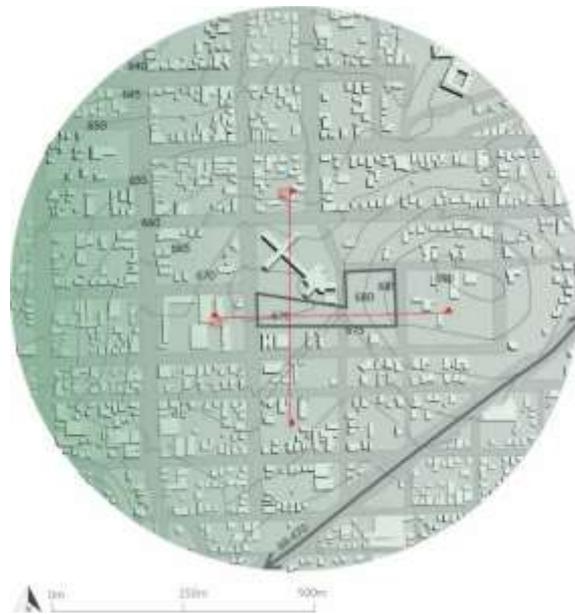
O terreno na área de intervenção, apresenta topografia basicamente plana, favorecendo as conexões. Em comparação com a área central da cidade o terreno está em um ponto mais alto, valorizando ainda mais a percepção dos usuários

Figura 15: Mapa cortes topografia



Fonte: Elaborado pela autora (2020)

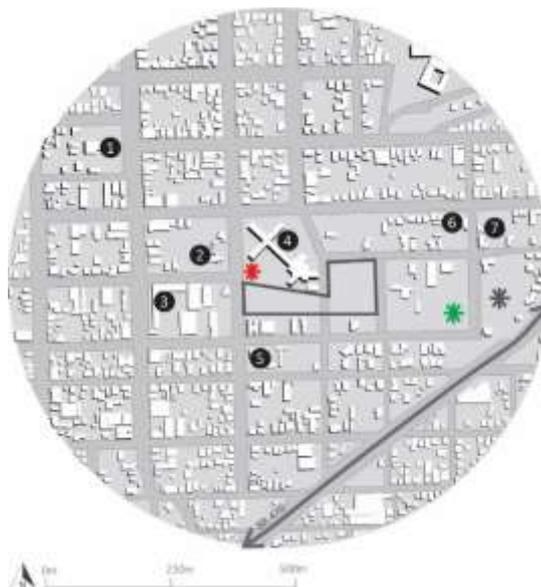
Figura 16: Mapa topografia



Fonte: Elaborado pela autora (2020)

5.2.3 CARACTERIZAÇÃO DO ENTORNO

Figura 17: Mapa caracterização do entorno



Fonte: Elaborado pela autora (2020)

Legenda

- | | |
|-------------------------------------|---|
| 1 Igreja Matriz São Luiz Gonzaga | 4 Seminário Seráfico São José |
| 2 Gruta Nossa Senhora de Lourdes | 6 Corpo de Bombeiros de Veranópolis |
| 3 Colégio Estadual São Luiz Gonzaga | 7 Brigada Militar de Veranópolis |
| * Monumento Histórico- 1896 | * Futuras instalações- centro de convivência de Veranópolis |
| * Campo de Futebol | |

5.2.4 VISUAIS

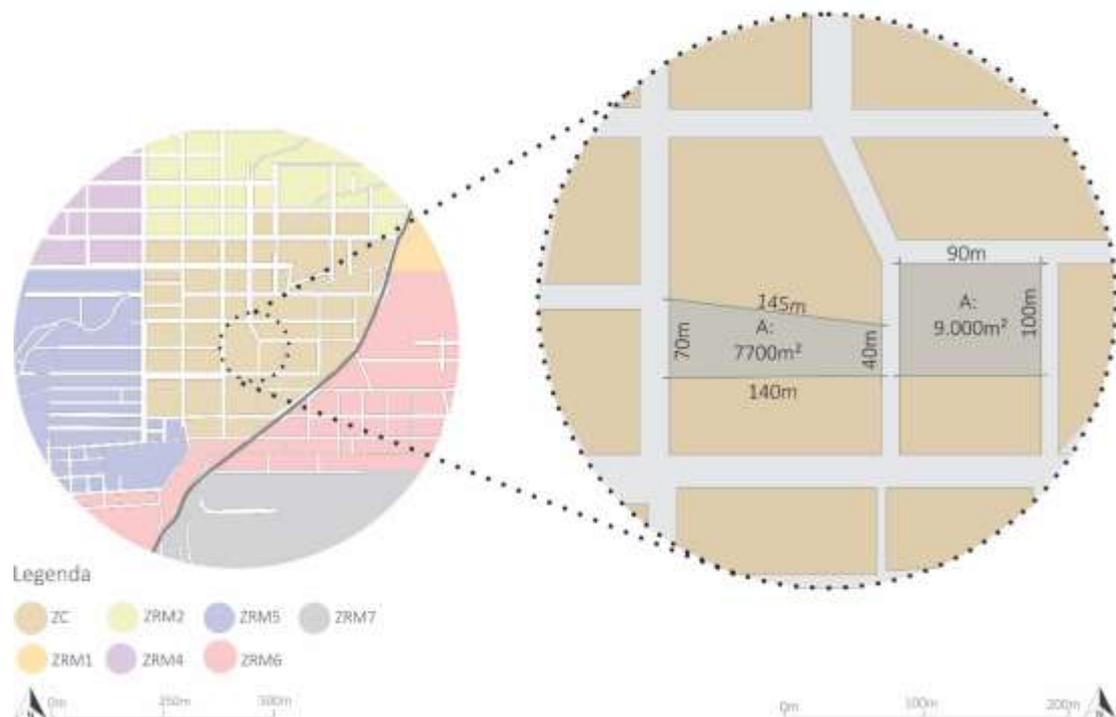
Figura 18: Mapa de visuais



5.3 CONDICIONANTES LEGAIS

De acordo com o Plano Diretor Municipal de Veranópolis, instituído pela Lei Nº 5.056, de 25 de maio de 2007, a área de intervenção situa-se na Zona Central (ZC), conforme zoneamento apresentado na figura 19.

Figura 19: Mapa de zoneamento



Fonte: Elaborado pela autora (2020)

A seguir exemplificam-se os condicionantes legais permitidos em relação a área do terreno:

Índice de aproveitamento: 4,8%

Afastamento Frontal = isento

Afastamento Lateral e Fundos: Subsolo/Térreo = isento

Taxa de ocupação: 80%

Altura: 35,50m

6 ESTUDOS DE CASO

6.1 ESPAÇO PÚBLICO – PARQUE SISHANE

Localizado na cidade de Istambul – Turquia o projeto tem a intenção de envolver moradores e visitantes para as qualidades naturais do ambiente urbano como um espaço público alternativo para as pessoas desfrutarem juntas na cidade densa.

O projeto está em um diálogo com as vistas, mas também cria grandes espaços públicos para programação cultural e espaços para descanso, aproveitar a sombra das árvores, brincar e passar o tempo com a comunidade.

Um desafio para o projeto e clareza das circulações é a diferença de doze metros a partir da entrada urbana superior para a beira da estrada inferior.

Figura 20: Parque Sishane



Fonte: Archdaily (2014)

6.2 ESPAÇO PÚBLICO – PARC DE LA VILLETTE

Localizado em Paris o Parc De La Villette fez parte de um concurso internacional entre os anos de 1982/ 1983 para revitalizar terrenos abandonados.

O Parc foi projetado com três princípios de organização: a) pontos, b) linhas e c) superfícies.

Os pontos proporcionam uma qualidade dimensional e organizacional através de uma malha que serve como pontos de referência. As linhas, são os principais caminhos de movimento que ao contrário dos pontos, os caminhos não seguem qualquer estrutura organizacional, mas que se interseccionam e levam a vários pontos.

Dos 135 hectares do parque, 85 são dedicados a espaços verdes. O projeto foi concebido como um espaço definido pelo usuário, aberto a interpretações e isso, formam as superfícies.

Figura 21: Parc De La Villette



Fonte: Archdaily (2013)

6.3 ESPAÇO PÚBLICO – PARQUE MILLER

Localizado nos Estados Unidos e originalmente desenvolvido na década de 1970 o Parque Miller oferece imensos benefícios ecológicos neste pequeno terreno, localizado em uma área urbana densa. Ao mesmo tempo que se configura como um oásis verde no centro urbano da cidade, o parque também foi projetado para acomodar diversos eventos e atividades.

No desenvolver do projeto o escritório responsável pela obra tomou medidas para envolver a comunidade no processo de projeto. Ao longo de seis meses, eles realizaram reuniões públicas em toda a cidade, montaram também, uma plataforma on-line para coletar informações da comunidade e realizaram pesquisas pessoalmente no parque e arredores para trazer uma variedade de vozes a mesa.

Esse envolvimento intensivo da comunidade ajudou a determinar o desenho flexível e aberto que caracteriza o parque.

Figura 22: Parque Miller



Fonte: Archdaily (2018)

7 METODOLOGIA

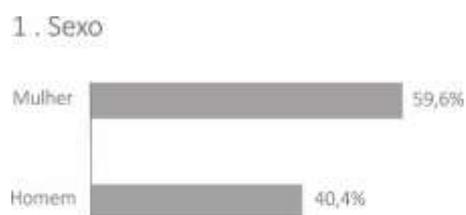
7.1 PESQUISA DE OPINIÃO – POPULAÇÃO VERANENSE

A compreensão do significado dos lugares resulta da ideia de que o espaço é uma construção em grande escala, que se faz por longos períodos de tempo, e que depende dos valores socioculturais e individuais do lugar. Para este autor a interpretação da cidade e das suas partes pelas pessoas depende da relação destas com o meio ambiente, dos acontecimentos e das recordações de experiências passadas (LYCH, 1960)

Tomando por base esses pressupostos, busca-se entender como os usuários percebem e se identificam com a cidade a partir das suas próprias experiências. Para melhor compreensão optou-se por desenvolver um formulário online pela facilidade dos meios de comunicação virtual para alcançar diversas pessoas e realizar entrevistas diretas. O questionário foi realizado de forma anônima e composta em sua maioria por perguntas objetivas.

No total foram realizadas 47 participações sendo que, 59,6% dos participantes mulheres e 40,4% homens, conforme figura 16.

Figura 23: Pergunta e resposta 01



Fonte: Elaborado pela autora (2020)

Ao serem questionados se costumam frequentar praças e/ou parques na cidade de Veranópolis, 70,2% das respostas foram que sim, e 29,8% foram que não.

Figura 24: Pergunta e resposta 2

2. Você frequenta parque e/ou praças?



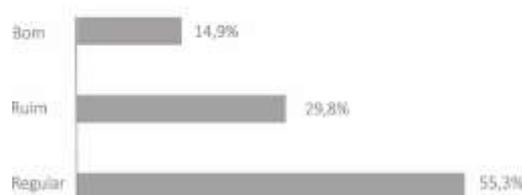
Fonte: Elaborado pela autora (2020)

Segundo Milton Santos (1994) tudo que existe num lugar está em relação com outros elementos desse lugar e o que o define é exatamente uma teia de objetos e ações com causa e efeito, que forma um contexto e atinge todas as variáveis já existentes. Enquanto o espaço é um conjunto de objetos e de relações que se realizam sobre estes objetos, o lugar é resultado da ação do homem sobre o próprio espaço, intermediados pelos objetos naturais e artificiais (SANTOS, 1994).

Deste modo, identificamos que os dados da figura 15 estão relacionados de forma direta com a pergunta 3 (figura 15) e a pergunta 4 (figura 16), que trata sobre a classificação e qualidade dos espaços públicos oferecidos pelo município.

Figura 25: Pergunta e resposta 3

3. Como você classifica os espaços públicos que conhece e/ou frequenta em Veranópolis?



Fonte: Elaborado pela autora (2020)

Para analisar de maneira mais detalhada a qualidade dos espaços públicos hoje oferecidos na cidade de Veranópolis, elaborou-se conforme figura 15 uma listagem dos principais elementos relacionados a infraestrutura, desta forma buscou-se entender os pontos positivos e negativos dos espaços públicos.

Figura 26: Pergunta e resposta 4



Fonte: Elaborado pela autora (2020)

Tais perguntas revelam que a segurança e os equipamentos públicos aparecem de forma mais expressiva na classificação ruim. No geral, em relação a classificação regular, a pavimentação, iluminação e limpeza aparecem com as maiores porcentagens.

Quanto a relação dos entrevistados com a área da proposta, nota-se que a maior parte dos participantes 97,9% considera necessária a proposta de uma área pública aberta de convivência e lazer.

Figura 27: Pergunta e resposta 5



Fonte: Elaborado pela autora (2020)

No que se refere a área de intervenção, 87,2% das respostas mostra que atualmente as pessoas não se sentem seguras em frequentar o entorno do

Seminário Seráfico São José. Porém, conforme dados apresentados na figura 17, o espaço se apresenta como uma área de grande potencial de uso.

Figura 28: Pergunta e resposta 6

6. Em relação a área de estudo, você se sente seguro no entorno do Seminário Seráfico São José?



Fonte: Elaborado pela autora (2020)

Figura 29: Pergunta e resposta 7

7. Você considera o espaço como um grande potencial de uso?



Fonte: Elaborado pela autora (2020)

Conforme figura x, a maior parte dos participantes se locomovem até a área de estudo a pé ou de automóvel.

Figura 30: Pergunta e resposta 8

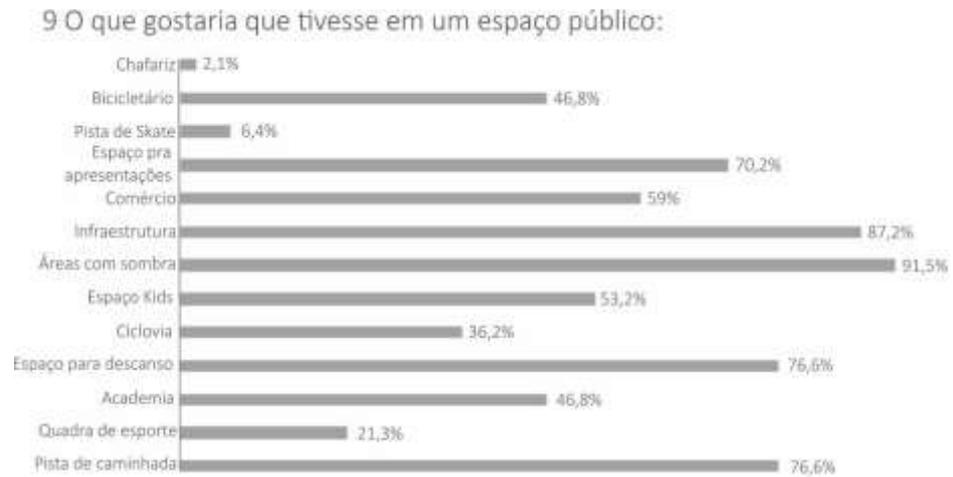
8. Como você costuma se deslocar por essa área?



Fonte: Elaborado pela autora (2020)

Em relação a oferta de equipamentos e elementos que gostariam que um espaço público possuísse, os entrevistados selecionaram mais de uma resposta. Conforme respostas, os itens tornam-se condicionantes para as intenções projetuais, desta forma, o espaço busca respeitar a participação popular.

Figura 31: Pergunta e resposta 9



Fonte: Elaborado pela autora (2020)

7.2 CRITÉRIOS PARA AVALIAR A QUALIDADE DE BOM ESPAÇO PÚBLICO – JAN GEHL

Os critérios necessários para que os espaços públicos cumprem a sua função de promover encontros e servir como palco para as diversas atividades humanas foi discutida pelo arquiteto e urbanista dinamarquês Jan Gehl (2013) no livro “Cidades para Pessoas”, neste o autor destaca a importância de priorizar a dimensão urbana e focar nas necessidades das pessoas que utilizam o espaço:

“as cidades devem pressionar os urbanistas e os arquitetos a reforçar as áreas de pedestres como uma política urbana integrada para desenvolver cidades vivas, seguras, sustentáveis e saudáveis. Igualmente urgente é reforçar a função social do espaço da cidade como local de encontro que contribui para os objetos de sustentabilidade social e para uma sociedade democrática aberta.” (GEHL, 2013)

De acordo com Gehl (2013), a cidade torna-se viva sempre que mais pessoas se sentem incentivadas a caminhar, utilizar e permanecer nos espaços públicos. As cidades devem oferecer condições adequadas para atrair as pessoas para a rua, como: estrutura que permita curtas distâncias a pé, paisagens atrativas, edifícios que respeitam a escala humana e o campo de visão do usuário, e assim como Jane Jacobs, o autor confirma a importância da diversidade de funções para garantir circulação de pessoas em todos os horários do dia. Gehl (2013) também fala em priorizar pedestre aos automóveis, pois as cidades atuais dedicam mais espaços para os carros do que para a circulação e convivência das pessoas.

As imagens abaixo (figura 15), foram divulgadas no livro “ Cidades para Pessoas” e mostram como uma intervenção que priorize os pedestres pode garantir uma cidade mais viva e multifacetada.

Figura 32: Times Square, 2009, antes da retirada dos automóveis



Fonte: Gehl, 2013

Figura 33: Times Square, 2009, depois da retirada dos automóveis



Fonte: Gehl, 2013

O quadro a seguir (quadro 4) simplifica as diretrizes disponíveis no livro “Cidades para Pessoas” a serem seguidas para garantir um espaço público bem-sucedido através de 12 critérios.

Figura 34: 12 critérios de Gehl

| | |
|--|--|
| 1. Proteção contra o tráfego | Segurança para os pedestres, sem motivos para temer o tráfego |
| 2. Segurança nos espaços públicos | Circulação de pessoas/ espaços com vida de noite e de dia |
| 3. Proteção contra experiências sensoriais desagradáveis | Abrigo do vento/ sol/ chuva/ áreas verdes |
| 4. Espaços para caminhar | Acessibilidade/ superfícies regulares/ ausência de obstáculos |
| 5. Espaços de permanência | Locais agradáveis para permanecer |
| 6. Ter onde sentar | Mobiliário público/ locais para descansar |
| 7. Possibilidade de observar | Vistas que não sejam escondidas |
| 8. Oportunidade de conversar | Mobiliário urbano que convide à interação de pessoas/ baixo ruído |
| 9. Locais para se exercitar | Equipamentos de esportes/ entreterimento na rua/ dia e noite |
| 10. Escala Humana | A cidade vista da perspectiva dos olhos das pessoas |
| 11. Possibilidade de aproveitar o clima | Locais para aproveitar qualquer estação |
| 12. Boa experiência sensorial | mobiliário de qualidade/ árvores/ plantas/ acabamento de qualidade |

Fonte: Elaborado pela autora (2020)

Segundo o autor, a primeira questão a ser atendida é garantir conforto ambiental para os usuários, além de proteção contra o tráfego, insegurança e ferimentos físicos. Também é necessário que os espaços atraiam os usuários para os mais diversos tipos de atividades como caminhar, permanecer de pé, sentar-se, ver, ouvir, conversar e praticar atividades físicas. Os espaços públicos também são mais atrativos quando respeitam a dimensão humana, oferecem oportunidades de aproveitar o clima da região e oferecem oportunidades de aproveitar o clima da região e oferecem também experiências sensoriais positivas. Todos os melhores e mais funcionais espaços públicos atendem aos critérios levantados, e nada deve ser deixado de lado (GEHL, 2013).

7.2 DIAGRAMA, O QUE FAZ UM BOM LUGAR?

Os critérios de avaliação do espaço público também foram trabalhados pela Project for Public Spaces (PPS), organização sem fins lucrativos de Nova York fundada em 1975 com o objetivo de expandir o trabalho de Willian H. Whyte – autor

de “The Social Life of Small Urban Spaces’ (PROJECT FOR PUBLIC SPACES, 2019).

A PPS se dedica a ajudar pessoas a criar e a manter espaços públicos a fim de construir comunidades mais fortes e cidades melhores. De acordo com a análise de milhares de espaços públicos em todo o mundo, a PPS avaliou que, para um espaço público ser bem-sucedido e ter, portanto, vitalidade urbana, é preciso que possua as seguintes quatro qualidades: a) Acessibilidade e conexões, b) Conforto e visibilidade, c) Usos e atividades e d) Sociabilidade (PROJECT FOR PUBLIC SPACES, 2019).

A acessibilidade e conexões de um espaço pode ser analisada avaliando as suas conexões, tanto físicas quanto visuais, com o entorno. Um espaço bem-sucedido é fácil de acessar e de atravessar. O conforto de um espaço inclui percepções sobre segurança, limpeza e disponibilidade de lugares para sentar. A visibilidade ou permeabilidade visual é um fator imprescindível para promover a sensação de segurança e a apropriação de espaços públicos.

Em relação aos fatores fundamentais para promover espaços públicos bem-sucedidos, estão entre eles os usos e atividades. Ter algo o que fazer dá as pessoas uma razão para ir até algum lugar. Portanto, para haver vitalidade nos espaços públicos, é preciso que eles ofereçam diferentes usos e atividades e, além disso, uma boa qualidade urbana.

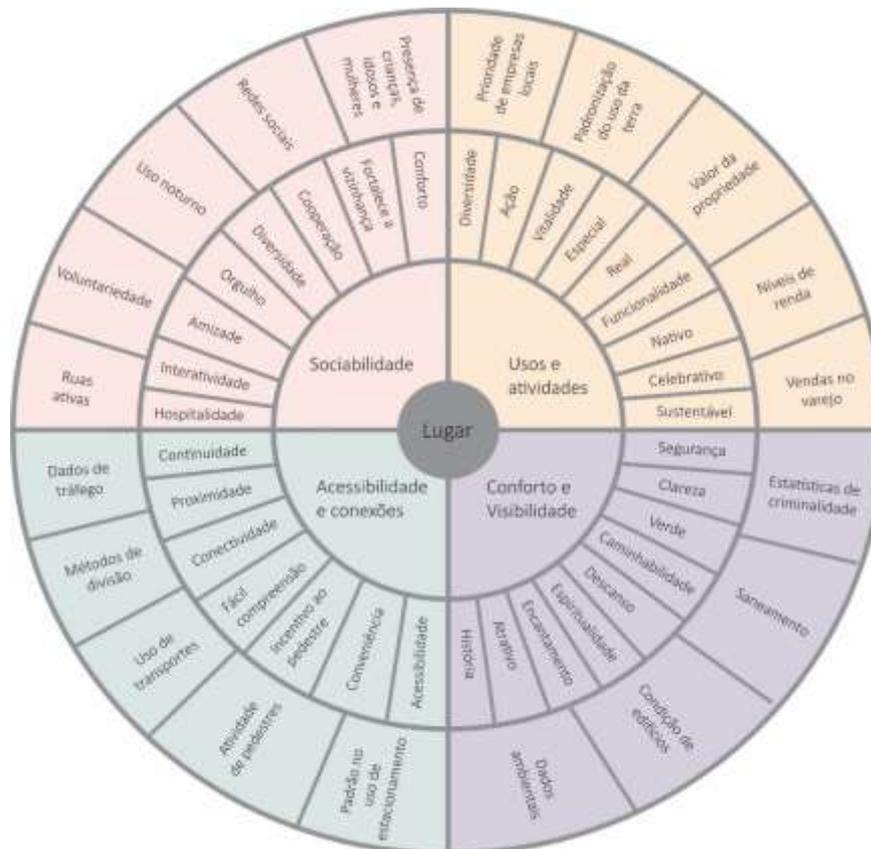
Como descreveu Jan Gehl (2005) há atividades necessárias, como ir trabalhar e ir à escola, e as atividades opcionais, como caminhar e sentar-se para apreciar a vista. As necessárias acontecem sob qualquer condição. Já as opcionais dependem da qualidade física do espaço.

Segundo Gehl (2005), “Convites para uma atividade ao ar livre que vá além de uma simples caminhada incluem proteção, segurança, um espaço razoável, mobilidade e qualidade visual”.

A última qualidade destacada pela PPS é o da sociabilidade. Esse fator relaciona-se ao fato de que quando as pessoas encontram com seus amigos e vizinhos num espaço público e sentem-se confortáveis interagindo e compartilhando experiências nesses locais, as chances de desenvolver um senso de apropriação daquele lugar é muito maior.

Uma vez identificado os quatro principais fatores, a PPS desenvolveu um diagrama para qualquer pessoa conseguir identificar se um espaço é bem-sucedido ou não, conforme figura 12.

Figura 35: Diagrama de lugares, PPS



Fonte: Elaborado pela autora (2020)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALEXANDER, Christopher; ISHIKAWA, Sara; SILVERSTEIN, Murray. **Uma linguagem de padrões**. New York: Oxford University Press, 1977.

BLANCO, Eduardo. **Mobilidade a pé: 6 fatores de sucesso**, 2016.

COSTA, Rovílio. **Raízes de Veranópolis**. Veranópolis: Est, 1998.

CULLEN, Gordon. **Paisagem Urbana**. São Paulo, 1988.

FERRARA, Lucrecia D'aléssio. **Olhar periférico: informação, linguagem, percepção ambiental**. São Paulo: Edusp, 1999.

GONÇALVES, Nuno Filipe Hilário. **Espaços verdes no planejamento urbano sustentável**. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa, Lisboa. 2010.

LINCOLN, Paiva. **Urbanismo Caminhável: a caminhabilidade como pratica de construção de lugares**. Dissertação (Mestrado). Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2017.

GEHL, Jan. **Cidades para pessoas**. São Paulo: Perspectiva, 2013.

GEHL, Jan; SVARRE, Birgitte. **A vida na cidade: como estudar**, 2018.

GUIMARÃES, Pedro Paulino. **Configuração urbana: evolução, avaliação, planejamento e urbanização**. São Paulo, 2004.

LOBODA, Carlos Roberto; DE ANGELIS Bruno Luiz Domingos. **Áreas verdes públicas urbanas: conceitos, usos e funções**. Guarapuava – PR, 2005.

LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1960.

MENDONÇA, Eneide Maria Souza. **Apropriação do espaço público: alguns conceitos**. In: Estudos e pesquisas em psicologia, 2007. Disponível em: <http://www.revispsi.uerj.br/v7n2/artigos/pdf/v7n2a13.pdf>. Acesso em: maio de 2020.

MILTON, Santos. **Metamorfose do espaço habitado**. São Paulo: Hubitec, 1988.

OBSERVATÓRIO. **Cidades de Pedestres: caminhabilidade no Brasil e no Mundo**. Observatório das Metrôpoles, 2017. Disponível em: <https://www.observatoriodasmetrolopes.net.br/cidades-de-pedestres-caminhabilidade-no-brasil-e-no-mundo/>. Acesso em: abril de 2020.

OLIVEIRA, Lucimara Alberti de; MASCARÓ, Juan José. **Análise da qualidade de vida urbana sob a ótica dos espaços públicos de lazer**. Ambiente construído, v.7, n.2, p. 59-69. Porto Alegre, 2007.

PINA, José Hermano Almeida; SANTOS Douglas Gomes dos. **A influência das áreas verdes urbanas na qualidade de vida: o caso dos Parques e Victorio Siquierolli em Uberlândia – MG**. Revista Ateliê Geografico, v.6, 2012.

PROJECT FOR PUBLIC SPACES. **What makes a successful place?**. 2019. Disponível em: <https://www.pps.org/article/grplacefeat>. Acesso em: abril de 2020.

SANTOS, Milton. Paisagem e espaço In: SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado**. São Paulo: Hucitec, 1988.

SHAFTOE, Henry. **Convivial urban spaces: creating effective urban spaces**. London: Earthscan, 2008.

SERPA, Ângelo. **O espaço público na cidade contemporânea**. São Paulo: Contexto, 2009.

VASCONCELLOS, Eduardo Alcântara. **Transporte e meio ambiente: Conceitos e informações para análise de impactos**. São Paulo: Annablume, 2006.

VERANÓPOLIS. Lei Municipal nº 5.056, de 25 de maio de 2007. **Plano Diretor de Desenvolvimento Ambiental Integrado**. Disponível em: <http://www.veranopolis.rs.gov.br/noticias/24/geral/3828/plano-diretor-e-lei-de-parcelamento-do-solo-urbano>. Acesso em abril de 2020.